

SOL

nascente

Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado).

Visado pela
Comissão de
Censura

quinzenário cultural de literatura e crítica

Sôbre o livro "Ilusão na Morte", de Afonso Ribeiro

por João Pedro de Andrade

Não conheço Afonso Ribeiro. Nunca lhe falei nem lhe escrevi. Esta circunstância pôr-me-ia à vontade, para falar do seu livro, se o seu livro não me desse o à-vontade suficiente para falar dêle em tôdas as circunstâncias, sem recear traições do sub-consciente.

«*Ilusão na Morte*» é uma colecção de sete novelas, ou antes, de cinco novelas e dois contos. *As duas telas* e *Pobres de pedir*, independentemente da extensão, são antes contos que novelas. *Miserável tragédia*, na sua rapidez impressiva, é bem uma novela.

O título do livro é o da novela que o abre. Ao juntar estas suas produções não teria Afonso Ribeiro traçado um plano? Preocupar-se-ia apenas em dar o melhor que tem escrito? (Note-se, entre parêntesis, a incontestável superioridade destas novelas sôbre a maior parte dos escritos de Afonso Ribeiro, espalhados pelos números de «Sol Nascente»). Afigura-se-me que Afonso Ribeiro quis, principalmente, mostrar as suas possibilidades dentro de dois gêneros diferentes: a novela psicológica, a novela regional. (Sirvo-me do termo *regional* por comodidade. Os trechos de ambiente campestre emquadrados no livro são do mais *geral* e do mais *humano* que há nêle). Assim, com o conto *As duas telas* a separá-las, as três primeiras e as três últimas produções, formam como que um díptico de intenções e de forma diferentes.

Ilusão na Morte, *Angústia* e *Noite de regabofe* são três interpretações do amor, ou antes, análises de três amores diferentes. Na primeira, o amor carnal e o amor espiritual fundidos no mesmo indivíduo e tendo por alvo a mesma mulher, geram um amor ideal demais para caber na vida. Na segunda, o amor espiritual não consegue materializar-se, chegar à consumação da «brutalidade formosa». Na terceira, o amor nascido dos sentidos, encontra uma tão vasta plenitude, que tende a espiritualizar-se. Estas três interpretações podiam ser dadas em poesia. São três momentos anímicos do autor. Mar-

cos Paulo, Vítor e Miguel são irmãos gémeos. Não foi por acaso que Afonso Ribeiro pôs estas três novelas ao pé uma das outras, a abrir o seu livro.

As duas primeiras devem ter sido escritas em datas muito próximas. O estilo é o mesmo, castigado, difícil, opulento de imagens, de ritmo arrastado. O desejo de conservar a sua prosa a um certo nível leva amiúde o autor a sacrificar a naturalidade, fazendo as personalidades expressarem-se na mesma toada lenta, com o mesmo brilho de imagens. Na terceira, sem nada perder em beleza formal, o estilo de Afonso Ribeiro ganha em incisão e propriedade.

As *duas telas*, apresenta-nos o autor sob outro prisma. Estilo claro, corrente, penetrado duma ironia que enche todo o conto. Mas o assunto é vasto demais para ser tratado com leveza e dificilmente poderia ser defendido em tão escassas páginas. A crise espiritual do protagonista, encarada a sério, fôsse qual fôsse a sua solução, seria dramática. E o próprio protagonista a descreve risonhamente. Em todo o caso, o conto é equilibrado até a altura em que a crise chega ao auge. Desde que o protagonista deixa de crer, a obrinha assume um tom de pregação, de «façam como eu e verão que se dão bem», que a inferioriza artisticamente.

A última parte do livro é formada pelas novelas *Miserável tragédia*, *Será sempre assim?* e pelo conto *Pobres de pedir*. Aqui Afonso Ribeiro encontra-se plenamente à vontade. Observador apaixonado da natureza e dos que a povoam, o seu estilo torna-se ágil e seguro, e afastada a preocupação de opulência verbal que caracteriza as primeiras novelas, atinge com o conhecimento directo do meio e dos conflitos evocados, tal propriedade e tal serenidade que chegam para fazer do trecho *Pobres de pedir*, todo moldado em períodos curtos, sem

qualquer palavra que não seja vulgar, uma espécie de pequena obra-prima.

Miserável tragédia é, como o título indica (e bem escusaria indicá-lo) um drama brutal, incisivo, rápido. Na outra novela, *Será sempre assim?*, já com maior dose de minúcias, conta-se a história triste de duas vidas sacrificadas, com grande poder emocional. Dêla se poderá dizer o que Almir de Andrade escreveu a propósito de Jorge Amado: «Na verdade não sei se terá alguém o direito de condenar uma obra de arte, por causa da *doutrina* que encerra quando essa obra de arte brota tão espontaneamente de sentimentos puros e humanos, profundamente sinceros nos seus motivos interiores...»

Não julgue Afonso Ribeiro, ante as restrições que fiz à parte final do seu conto *As duas telas*, que seja minha opinião que à arte ou à literatura está vedado o caminho das ideias. As ideias deduzindo-se das coisas, podem levar o artista ou o escritor inteligente a proceder ao invés: conhecendo a ideia que resulta de determinada coisa, êle conceberá a coisa donde há-de deduzir-se a ideia. Simplesmente, o que é preciso é que essa coisa seja de natureza artística ou literária; melhor, seja vasada ou concebida artística ou literariamente. O pedagogo, o moralista ou o doutrinário têm o direito de pedir emprestadas à arte ou à literatura as qualidades que hão-de tornar mais atraentes as suas lições ou as suas pregações; mas o resultado dos seus esforços não será nunca a obra de arte ou a obra literária *tout court*. Ao contrário, o verdadeiro artista ou escritor pode dar, na obra concebida e realizada, formidáveis lições de moral, esplêndidos trechos de doutrina ou maravilhosos princípios de pedagogia sem sequer ter pensado nisso: é que essas ideias estavam implícitas na concepção do artista ou nos pedaços de vida que nos mostra o escritor. Mas pode a escritor ou o artista ter

também pensado nisso, e tê-lo feito muito deliberadamente, causando assim o seu ideal estético ao seu ideal humano (o artista tem direito a também ser homem, e não vejo que a plena consciência da obra realizada tire qualquer merecimento ao seu autor). O que será necessário é que o que é arte se mantenha arte, e o que é literatura seja sempre literatura. Todos os demais aspectos serão resultantes (premeditadas ou não) e não determinantes exclusivas, que afastariam, inevitavelmente, da obra criada, o caracter artístico ou literário que deve ter.

Eis porque concordo com o tom das novelas finais dêste livro, e porque elas são para mim as mais admiráveis de todo o livro, apesar-das doenças, das misérias, das cenas de extorsão que nelas figuram. Porque *aquilo é assim* e porque, seja qual fôr o sentimento a que nos conduz a sua leitura—revolta ou emoção—não deixa de *ser assim*. E é pelo colorido das descrições, pela naturalidade do diálogo e pela humanidade das figuras, que nos convencemos da verdade do que lemos. Isto é, o autor conseguiu o fim que tinha em vista com a sua arte e com o seu conhecimento da humanidade que descreve. Quando assim acontece, a obra é perfeita.

Um reparo final: Afonso Ribeiro não parte dos títulos para as novelas, mas das novelas para os títulos. E em geral, encontramos mal. Isto é: a ideia não lhe aparece tão nítida que se consubstancie numas poucas palavras. E como possivelmente se esforçou pouco nêsse sentido, de aí resulta a infelicidade de quasi todos os títulos das suas novelas. *Noite de regabofe* é um exemplo típico, e desvirtua até a intenção da novela.

Afonso Ribeiro coloca-se de golpe, com êste seu livro, na reduzida fileira dos nossos prosadores. *Ilusão na morte* atinge momentos de grande beleza literária e realiza, no conjunto, uma obra de arte.

Esta primeira edição de «Sol Nascente» é elegante na sua sobriedade.